

Ecologistas são julgados por defesa do ipê brasileiro

HELENA CELESTINO
Correspondente

PARIS — A luta é desigual, mas Robin Wood, ou Robin des Bois na versão francesa, tem tudo para levar a melhor. Ele foi parar no banco dos réus, quinta-feira, por causa de um outro banco: Robin des Bois, na realidade uma combativa e bem-humorada associação ecológica, foi acusada pela poderosa Prefeitura de Paris de depredar os bens públicos — no caso, bancos de rua —, correndo o risco de ter seus diretores presos ou pagar uma multa de 296 mil francos (US\$ 60 mil). Mas a luta de Robin des Bois despertou a simpatia da procuradora Marie-Hilda Goineau e a associação deve sair ileso desta nova aventura em defesa da madeira da Amazônia.

— Foi uma simples ação de informação — explicou Jacky Bonnemains, presidente da associação.

A informação que Robin des Bois queria divulgar é que os 52 bancos públicos, novinhos, que enfeitam a recém-reformada Avenue des Champs-Élysées, o orgulho da Prefeitura de Paris, são feitos de ipê, vindo diretamente da Amazônia. Por isto colocaram duas etiquetas em cada banco: "Propriedade dos índios" e "Madeira da Amazônia". Quando estavam etiquetando o vigésimo-primeiro banco, os militantes da Robin des Bois foram detidos pela polícia.

— Nós tomamos todos os cuidados para não estragar os bancos e até botamos cartazes avisando às pessoas que a tinta estava fresca. Só botamos uma etiqueta, de 15 centímetros, indicando a origem da madeira, como se faz com qualquer produto — contou Jacky Bonnemains, deixando perplexos policiais e advogados.

A prefeitura de Paris não achou graça e apresentou à Justiça uma conta enorme: gastou mais de 10 mil francos para consertar cada banco e queria ser reembolsada por Robin des Bois. O tribunal não aceitou o orçamento e considerou que se tratava de uma leve depredação de bens públicos, o que já fez Robin des Bois escapar da prisão. O resultado do julgamento só sai dia 2 de março, mas o advogado tinha uma boa argumentação para defender seu cliente.

— Ao defender a proibição do uso de madeiras tropicais, meu cliente está avançado em relação ao direito, pois esta lei já vigora em Munique, São Francisco e



Melbourne — afirmou o advogado, Jean Michel Halit.

Na verdade, Robin des Bois não achava que seria condenado, mas temia que o julgamento funcionasse como intimidação aos militantes que estão se preparando para uma grande manifestação, no fim de março, no dia da inauguração da Grande Biblioteca da França, última das grandes obras do Governo Mitterrand. Desde 1992, a associação protesta contra a utilização do ipê brasileiro como revestimento da esplanada que cerca a biblioteca.

— Este crime é muito maior. Eles tiveram de derrubar 600 árvores para cobrir de ipê brasileiro os cinco hectares da esplanada; e ainda trouxeram o okoume do Gabão para revestir as quatro torres da biblioteca — contou indignado Bonnemains sem revelar, no entanto, o que estão planejando.

Robin des Bois tem, evidentemente, o apoio dos ecologistas brasileiros, e recentemente recebeu uma carta do Núcleo de Direitos Indígenas, na qual a associação informa que a extração do ipê da Amazônia é feita de maneira irresponsável e ilegal, sendo que muitas vezes a madeira vem diretamente das reservas indígenas, invadidas pelos madeireiros.